

António Maria Martins Melo (coord.), Actas do Symposium Classicum I Bracarense “A mitologia Clássica e a sua Recepção na Literatura Portuguesa”, Braga, Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Filosofia de Braga, 2000.

Recolhe o presente volume as comunicações apresentadas no Simpósio subordinado ao tema em epígrafe, que decorreu em Braga a 21 de Maio de 1999, na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica.

Organizado pelo Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica, com o auxílio da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, este congresso pautou-se pela reflexão “sobre a perenidade da cultura clássica” e sua análise no âmbito da “angústia existencial” (p.7) que persegue o Homem.

O objectivo do Simpósio foi amplamente conseguido, como prova a compilação a que hoje temos acesso e que abre com a comunicação *Enigmas em volta do mito*, proferida por Maria Helena da Rocha Pereira cuja excelente análise das distintas acepções que o conceito “mito” encerra desde as suas origens gregas até hoje (passando pela análise do mesmo em campos tão distintos como a Filosofia, a Psicanálise ou o Estruturalismo) se reveste de grande importância para a compreensão do fenómeno mítico e, consequentemente, dos restantes artigos apresentados.

Em estreita conexão com esta comunicação aparece a segunda, *Histórias que a memória conta. Os antigos, os modernos e a mitologia clássica*, de Victor Jabouille que, partindo engenhosamente de um mito — o de Prometeu —, regista uma série de reflexões sobre as características, manifestações e papel do mito e da mitologia desde a sociedade antiga até à actualidade. Aqui se faz também uma aturada análise de alguns mitos portugueses (Camões, Pessoa, André de Resende, Eça de Queirós e Garrett são alguns dos escritores mencionados) a que se alia a defesa da leitura dos textos antigos e actuais, por forma a permitir constatar não só que a cultura clássica se encontra bem viva, como também que “os verdadeiros mitos são efectivos e permanentes” (p. 46).

Esta permanência de figuras míticas na sociedade actual encontra-se bem patente no artigo de José Ribeiro Ferreira, *O mito de Narciso na Poesia Portuguesa contemporânea*, onde, tal como o próprio nome indica, é analisado ao pormenor e de forma esclarecedora o mito de Narciso em poetas contemporâneos como Sebastião da Gama, José Régio, Jorge de Sena, Vitorino Nemésio, Miguel Torga ou Sophia de Mello Breyner Andresen. Apesar de o tema ser menos abrangente, por se centrar na análise de um único mito, reveste-se de especial utilidade para constatar o interesse que a cultura clássica tem, na sua raiz mítica, para a Literatura Portuguesa.

Esta importância, de resto, está patente não apenas nos dias de hoje, mas em todas as épocas da nossa literatura, como revelam os artigos de Nair de

Nazaré Castro Soares (*Mito, imagens e motivos clássicos na poesia trágica renascentista em Portugal*) e de Amadeu Torres (*Intertexto clássico e parcimónia mitológica em Frei Heitor Pinto*). Assim, o primeiro procura, em palavras da própria autora, “reflectir sobre o valor e o significado do mito e sobre o uso de imagens e motivos clássicos na poesia trágica renascentista” (p. 67) através de uma minuciosa análise da importância que o ambiente histórico-cultural quinhentista e autores clássicos como Eurípides, Aristóteles ou Séneca revestem para os poetas dramaturgos do Renascimento. Relembrada é também a teoria teatral que subjazia a todas as produções da época, por forma a permitir ao leitor uma melhor compreensão do fenómeno de produção do texto trágico renascentista. Da avultada quantidade de exemplos fornecidos destaca-se a “Castro” de António Ferreira, texto privilegiado para exemplificar não só motivos recorrentes do teatro renascentista, como também a capacidade do seu autor de os utilizar de forma renovada e original.

Já o artigo de Amadeu Torres procura, de forma clara e atenta, “apontar a presença mitopoiética no “opus magnum “ de Frei Heitor Pinto” (p.126), abordando as narrativas que, segundo o autor do artigo em questão, se inserem na definição de mito explicitada no início da reflexão. Desta forma, consegue realizar uma análise esclarecedora e suficientemente sucinta para compor um artigo desta natureza.

Mais centrado na análise de uma obra latina encontra-se, por fim, o artigo de Manuel Losa intitulado *Eros e Psique (amar o amor)*, onde se procura dar a conhecer de forma detalhada o mito dos amores de Eros e Psique na obra de Apuleio *Metamorfoses ou O Burro de Ouro*. Esta análise, bem detalhada e esquematizada, é complementada por uma análise sobre o sentido alegórico da obra, examinando-se mais detidamente o final da história, a “curiositas” (p.64) e o simbolismo que rodeia o motivo das rosas. Pena é que, apostando predominantemente na análise da obra de Apuleio, o autor dê pouco relevo à presença desta obra na Literatura Portuguesa, lembrando apenas de forma precisa o poema “Amor e Psique” de Pessoa.

Resta-nos, por fim, louvar a existência de um índice onomástico, tão necessário e por vezes tão esquecido neste tipo de obras.

A título de conclusão, poderemos assim considerar que esta profícua edição, dada a profundidade das diversas comunicações, constitui uma mais-valia para todos os que se debruçam tanto sobre o fenómeno mítico, como sobre os laços intertextuais que ligam a Literatura Portuguesa à Latina.

Congratulamo-nos, desta forma, com a iniciativa do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Braga e esperamos por novos e produtivos simpósios.

MAFALDA FRADE